

Luta o anarquismo contra tôdas as formas de exploração, de embrutecimento,  
de tirania -- e em prôl de bem-estar e liberdade para todos

RIO DE JANEIRO, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1958

ANO 12 — N.º 124

# AÇÃO DIRETA

O DRAGÃO QUE ESTA' A ENTRADA DO PALACIO ANARQUICO NADA TEM DE TERRIVEL: E' UMA PALAVRA APENAS!

Elisée Reclus

Diretor: SÔNIA OITICICA

Diretor-Fundador: JOSÉ OITICICA

Administrador: IDEAL PERES

Redação:  
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922  
RIO DE JANEIRO

MENSÁRIO ANARQUISTA  
Registro SI/P — 214 de 8-3-1946

AVULSO: CR\$ 2,00  
Assinatura anual ..... Cr\$ 20,00  
Pacotes (12 exemplares) ..... Cr\$ 20,00

## A Propósito do Surto Nacionalista

O movimento libertário considera a humanidade como constituindo uma única família, tendo o mundo como pátria comum.

Não dependendo do homem a escolha do lugar de seu nascimento, tanto vive ele, para satisfação de suas necessidades e preferências nas frígidas regiões polares como nas tórridas dos trópicos.

Está historicamente demonstrado não terem as fronteiras origem natural e que, sofrendo alterações constantes no decorrer dos séculos, têm servido para dividir os povos, alimentando as prevenções, desavenças, animosidades e ódios que dão motivos às guerras, causadoras, como a última, dos grandes males que atormentam a humanidade.

Não se pode negar a natural afeição pela terra onde se nasce e cresce, onde se forma um lar, alimentando laços familiares e de amizades, onde se aprende a estudar e a trabalhar, onde se ama, luta e diverte, onde, enfim, se acaba criando um ambiente ao qual a gente passa a sentir-se associada, como sua parte integrante, pelas reações das múltiplas atividades determinadas pelo desenvolvimento da própria personalidade.

Entretanto, esse sentimento afetivo ao próprio meio-ambiente não justifica a prevenção e muito menos a animosidade contra povos de outras partes e, deixando de ser natural, passa a ser absurdo, odioso e merecedor de repulsa quando, sob as vestes enganosas do nacionalismo, serve de instrumento de dominação e de exploração ao capitalismo sem pátria, que alimenta as discórdias internacionais e provoca as guerras.

O fato de nascer aquém de certas linhas convencionais não pode ser motivo para se considerarem inimigas criaturas que vieram ao mundo além dessas fronteiras estabelecidas à revella de sua vontade.

Julgando anti-social o fraacionamento da humanidade em nações litigantes, o que é feito com intuíto político-econômico pela classe dominante, interessada em alimentar discórdias, com o fim de solidificar o seu poder, os anarquistas consideram entretanto, como naturais, os agrupamentos formados por livre e espontânea atuação de populações unidas em virtude de influencias de ordem geográfica econômica, de comunidade de costumes ou sentimentais, federando-se entre si, também por livre determinação, em obediência a imperativos semelhantes, e estendendo-se, em solidária convivência, pelos territórios exigidos para seu normal desenvolvimento.

De dia para dia, mais se evidencia o absurdo das fronteiras com que se pretende dividir a humanidade. Nada mais há que separe os homens. Com as conquistas do progresso, tôdas as distâncias são fácil e rapidamente vencidas, relacionando estreitamente as criaturas de todos os quadrantes da terra, para a satisfação de tôdas as suas necessidades. Do barco a velas caminhou-se para o rápido transatlântico a vapor; as morosas conduções terrestres foram substituídas pelos velozes trens-de-ferro; o automóvel devassa os longínquos recantos que sômente conheciam o bulhento carro-de-bois; por meio do avião, atravessam-se, em horas, nações e continentes; pelo telefone a voz humana se transmite em tôdas as direções e para o telégrafo não há distâncias; o rádio, vencendo no tempo e no espaço, tudo investiga, tudo informa, tudo divulga, em instantes, internacionalizando os acontecimentos, as descobertas, as manifestações das ciências e das artes, animando a humanidade em suas tristezas e alegrias; a televisão, com suas imagens vivas, começa a familiarizar os aglomerados humanos em suas mais íntimas atividades.

O convívio da humanidade entrelaça-se através de todos os mares e continentes, desprezando as fronteiras criadas de acordo com as conveniências daqueles que disputam o domínio do mundo. Nem as barreiras alfandegárias, nem o crivo das censuras reacionárias impedem o regime da cooperação e das permutas, que se intensifica cada vez mais, para satisfação das atividades econômicas, profissionais e técnicas, científicas e artísticas, esportivas e recreativas, bem como político-sociais.

Nada, portanto, justifica, sob qualquer aspecto, a divisão da humanidade em nacionalismos perturbadores de seu normal convívio.

Os libertários são, por isso, internacionalistas, isto é, pugnam para unir a humanidade numa comunidade única, fraternizada em populações autônomas, formadas por livre determinação, influenciadas por imperativos naturais e reunidas, pelos laços do livre federalismo, desde a pequena comuna rural até o distrito, o município e a zona, através de regiões e continentes.

Quer isto, então, dizer que nós, os anarquistas brasileiros, desprezamos o Brasil? Sômente aqueles que procuram desvirtuar os princípios anarquistas poderão afirmar semelhante absurdo. Ao contrário, talvez sejam os libertários os melhores defensores do país em que nasceram ou em que vivem, e isso porque sustentam uma luta sem tréguas para libertá-lo dos elementos que o escravizam econômica e politicamente, daqueles que alimentam o obscurantismo embrutecedor da consciência de seu povo, enfim, de todos aqueles — nacionais ou estrangeiros — que exploram e tiranizam o país — nacional e internacionalmente — em prejuízo de sua população.

Os anarquistas não podem, naturalmente, deixar de querer o Brasil, e, justamente por isso, pelem para que ele seja libertado do domínio da exploração capitalista e passe a pertencer a todos os brasileiros, fraternizados num regime de igualdade social e formando, como unidade autônoma, progressista, culta e próspera, na grande confederação universal dos povos.

Em prejuízo dessa suprema aspiração da humanidade, irrompeu entre nós e propaga-se, tal qual uma epidemia dizimadora, um nacionalismo misticificador, organizado e propagado por elementos que se dizem militantes da esquerda social, que, dessa forma, ferem as bases fundamentais do Socialismo.

Tão ruínoza obra exige um ativo trabalho no sentido de solidificar a solidariedade consciente entre o proletariado na luta contra o domínio do capitalismo sem pátria — para quem o nacionalismo é um instrumento de dominação.

EDGARD LEUENROTH

## URGE INTENSIFICAR A LUTA CONTRA O IMPERIALISMO ULTRAMONTANO

Não é possível, nesta delicada situação da vida do Brasil, deixar de apontar ao povo desta terra o perigo da assobebante influência clerical que aqui se manifesta em todos os sentidos. A ação do clero romano assume hoje a feição de verdadeiro imperialismo, que estende seus tentáculos por toda a parte.

O ultramontanismo domina soberanamente em todos os setores da vida brasileira. Executando as palavras de ordem ditadas pelos altos poderes do Vaticano, os agentes do governo papalino espalham-se por todos os recantos do país, desde as grandes capitais até os pequeninos arraiais do sertão brasileiro. Agem no recesso do lar, minando consciências por intermédio do confessionário e das aulas de catecismo ministradas nas sacristias; invadem as repartições públicas, dominam o ensino nas escolas, chegam até as forças armadas, são encontrados nos meios associativos, exploram no comércio e na indústria e dominam na política e nas esferas governamentais.

Essa preponderância clerical em tôdas as manifestações da vida brasileira torna-se de dia para dia mais

acentuada mais dominante, apresentando já a negra perspectiva de uma ditadura teocrática a extrangular, muito breve, os resquícios de liberdade que ainda nos restam.

Em seu pósto de combate, nessa peleja continuada, firmes e intransigentes, os anarquistas, suportando toda sorte de perseguições, por meio da imprensa e da tribuna popular e de organizações agindo nos centros principais do país, os libertários se colocaram sempre à frente do movimento anticlerical no Brasil, atividade de essa que nunca abandonaram.

E jamais abandonarão essa luta, que se evidencia hoje mais imperiosa do que nunca. O direito de cada qual professar livremente, propogar e cultivar a sua crença deve ser respeita-

do, mas o gozo desse direito, comum à propagação de todos os princípios, não justifica o domínio aqui exercido pelo clero.

Daí a necessidade de ser ativada a campanha contra a influência dominante no Brasil do imperialismo ultramontano, combatendo-o em sua ação reacionária de elemento auxiliar da exploração capitalista, fazendo-lhe frente como força econômica e política que é a serviço de privilegiados e tiranos, opondo embaraços à emancipação social do povo.

## Semeando Idéias

*E' justo que haja homens aos quais está vedado o direito de aproveitar os frutos da terra, que é considerada como propriedade de todos os homens? E' justo que a maioria esteja obrigada a consagrar em proveito de outros, sob a forma de impostos, uma parte do seu trabalho? E' justo que todos os homens não possam desfrutar o que se reputa como propriedade de um só? E' justo e equitativo que todos os homens, em geral, não tenham direito a cultivar para si a terra, sendo esta considerada como propriedade dos que a cultivam?*

LEAO TOLSTOI

*O único mal é a resignação. Admiramos aos que se não entregam nunca, aos que distendem seus músculos contra a mole social que cegamente os esmaga; admiramos a ansia de viver que agita o próprio corpo decapitado.*

RAFAEL BARRETT

## LIBERDADE

Como ponto de partida de tôdas as conquistas está a liberdade. A liberdade é o problema primordial. Nem só de pão vive o homem. E mesmo para conseguir o pão precisa o homem de liberdade. Portanto: liberdade de locomoção, liberdade de cada qual escolher a própria atividade, liberdade de expansão de pensamento, isto é, de crer ou deixar de crer, de concordar ou discordar, usando de todos os meios próprios para esse fim, em tôdas as ocasiões e onde quer que seja; liberdade de reunião e de associação em tôdas as suas modalidades, liberdade, enfim, do indivíduo dar ampla expansão à sua personalidade num ambiente social de livre convivência. Logo: abolição de órgãos de exceção e de tôdas as leis, decretos, regulamentos, portarias, etc. que estabeleçam medidas coercitivas e limitações ao exercício dessas liberdades.

## A ESMO...

### CHAPLIN ANARQUISTA

As agências telegráficas espalharam pelo mundo a notícia de que Charles Chaplin declarou ser anarquista.

Não é a primeira vez que o genial cômico assim se pronuncia. Já em duas outras oportunidades, entrevistado por jornalistas sobre suas preferências ideológicas, Carlito respondeu que, se o quisessem enquadrar em algum princípio social, que o classificassem de anarquista.

De fato, em rigorosa análise, encontram-se em seus principais trabalhos considerações e atitudes de conteúdo anárquico.

### NÃO MATARÁSI!

Os jornais dão destaque à notícia de um assassinato verificado em Recife.

Qual o motivo do realce dado a um fato tão vulgar no desajustamento desta sociedade em decomposição? Porque o autor do heroico feito é um ilustre representante do povo na mui respeitável Câmara dos Deputados.

Dirigia-se o tal pai-da-pátria para uma farra noturna, levando em sua companhia, como não podia deixar de ser, além de um amigo, duas alegres jovens.

Em caminho, teve de limitar a parada de seu automóvel, porque em sua frente ia um caminhão. Na ansia de chegar no cabaré onde iria buscar um lenitivo à sua atribulada vida de mandrião bem aquinhado, quis forçar a passagem e, não o conseguindo, furou a pneus do caminhão. O motorista, naturalmente, dirigiu-se ao deputado valentão, protestando contra a violência.

O respeitável representante da pátria, o legislador de leis reguladoras das normas da vida pública, como bom cristão, portador, certamente, de um santinho ao pescoço, dando uma alta demonstração de seu elevado civismo, respondeu a tiros, matando covardemente o motorista.

Depois, ainda covardemente, quis negar seu crime, atribuindo-o a um amigo, morto há cerca de oito anos! Finalmente, teve de confessar, o que fez certo da impunidade.

Coisas da civilização cristã. Que vale a vida de um honesto trabalhador em face da liberdade de farrear de um respeitável deputado?...

## INQUIETUDES JUVENIS

(Do álbum de uma adolescente colegial, para este cantinho do nosso jornal)

Homem que hoje é criador de satélites!

Homem que atingirá a lua, num abrir e fechar de olhos!

Homem que ultrapassará a velocidade da luz!

Homem que fará conseqüências precederem causas!

Homem cujos feitos se comparam aos dos próprios deuses criadores, porque tocam seu céu!

Homem que vence obstáculos da Natureza e caminha a passos largos!

Homem que domina o ar, o iote, o mistério da existência!

Homem, de quem faço no momento a apologia.

Sim, porque merece louvores de tudo e de todos ao confirmar a grande verdade de Pitágoras: «O homem é a medida de todas as coisas, do ser e do não ser».

O Homem, imortal nas tuas glórias, retrata-te.

O Homem, capaz de grandes coisas, desce do teu pedestal, surge da torre de marfim onde vegetaste comumente até o nosso século, e vive realmente. Não te feches nos círculos em que o orgulho e os interesses pessoais predominam e envolvem o ambiente.

Desce do pedestal, desce do altar, e surge para o mundo, surge para a vida cujo centro é o próprio homem irmanado ao semelhante!

Vence mais esta batalha e o Universo estará conquistado! Irmanem-se os seres e os elementos, ainda privados e particulares de circunscrições, para um bem comum, que é o de lutar pela própria Humanidade!

Eliminem-se as querelas, as rixas seculares; eliminem-se as separações sociais, políticas, econômicas, religiosas, a fim de que possamos, todos, constituir uma única pátria em que haja um denominador comum — o próprio bem do Homem.

IARA LEU-SOU

# O ideal pelo qual lutamos

### CRITÉRIO ECONÔMICO

Somos libertários ou anarquistas. Como tais atacamos a instituição da propriedade, e a moral que a tem por base.

No monopólio da riqueza produzida por todos, sem que a parte de cada um possa ser rigorosamente determinada, na apropriação individual da terra, dos meios de produção e de comunicação, bem como dos produtos, vemos a origem principal da miséria e do aviltamento da grande maioria, da insegurança e inquietação de todos.

Estamos, por isso, convencidos de que a única solução para este problema é a seguinte: destruir esse terrível direito de vida e de morte que tem o proprietário, senhor dos meios de produção, sobre o trabalhador desprovido de tudo, socializando, isto é, pondo à disposição de todos a terra, os instrumentos de trabalho, os meios de comunicação, as matérias primas, tudo posto em ação por todos e em proveito de todos.

Queremos uma sociedade que tenha por fim assegurar a cada um o seu desenvolvimento integral; uma sociedade em que o trabalho, tendendo à satisfação das necessidades dos indivíduos, seja da escolha de cada um e organizado pelos próprios trabalhadores.

### CRITÉRIO SOCIAL

Tomamos o nome de anarquistas ou libertários, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições políticas que têm por fim impor, a todos, os seus interesses e a sua vontade mascarada ou não com a vontade popular.

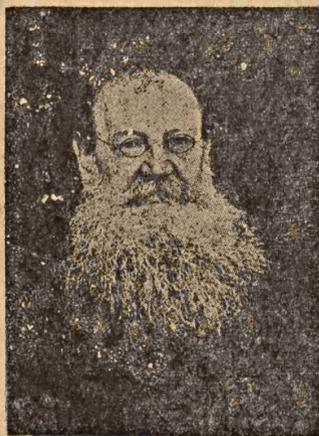
Constituindo por si mesmo uma classe privilegiada, o Estado, no caso de subsistir depois de suprimida a classe burguesa, seria levado pela necessidade da própria conservação e restabelecer o privilégio, criando um partido seu, interessado em o sustentar, mesmo atentando contra o direito da coletividade.

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo — uma organização social livre, constituída do indivíduo ao grupo, do grupo à federação e à confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, idéias e sentimentos dos indivíduos.

Essa é a organização social correspondente ao anarquismo e que poderá garantir a igualdade de condições econômicas.

## UMA DAS GRANDES FIGURAS DO ANARQUISMO

Mais um Aniversário da Morte de KROPÓTKINE



As efemérides de fevereiro de 1921 consignam, no dia 8, o falecimento de Pedro Kropótkine, sobre o qual assim se pronunciou o grande escritor português, seu contemporâneo, Mayer Garção:

Já tive ocasião de assinalar que Kropótkine é, porventura, neste momento, o maior homem, vivo, de que o mundo tem direito de se orgulhar. A conjunção do talento e do caráter e, em nossas eras, a justificação dos máximos prestígios. Foi por isso que Victor Hugo foi o maior homem do seu século. Foi por isso que Tolstói, morto o autor dos *Miseráveis*, lhe sucedeu nessa supremacia espiritual, que nenhum poder decreta, nem nenhuma Academia, nenhum Congresso pode outorgar. Hoje, Kropótkine a possui. É o Pontífice da alma moderna, — que não habita num palácio, não se reveste de aparências imperiais, antes, pelo contrário, numa modesta habitação de Londres, proscrito, pobre, repellido por uma sociedade conservadora que teme o seu verbo e só o procura ferir com o seu ódio, por não ter razões para o refutar, atravessa, no fim da vida, um calvário de gloriosos sofrimentos que representa a sanção histórica da sua doutrina.

É essa situação humilde e dura que o coloca acima dos outros homens, quase tanto como o fulgor do seu gênio e a beleza da sua bondade...

Que diz Kropótkine? Que prega Kropótkine? Que fez Kropótkine? Uma palavra o diria: amor. No seu enternecido coração eslavo, há reservas de amor imenso. A ciência, árida em tantos dos seus aspectos, não esfriou o sentimento poderoso que o anima. É ler as suas *Palavras dum revoltado*. São conselhos, estímulos do filósofo, — mas com que veemência eloquência expressos! Ele dirige-se aos homens procurando fazer vibrar no seu coração as fibras da piedade. Confere-lhe a razão o poder de convencer; mas é no seu próprio coração que busca o poder de emocionar. Temperamento primacial de apóstolo, conhece a força que no sentimento se origina. É um sábio? Sem dúvida, mas é também um poeta, no que esta designação pode conter de mais doce, de mais humano, de mais ideal. A grandeza da sua personalidade vem desta adaptação da alma que se comove e canta, com o cérebro que reflete e cria.

Foi assim que ele conseguiu ser o homem que, em nossos tempos, soube dizer a última palavra sobre a redenção humana. Pertence-lhe essa su-

prema glória. Do conflito de tantas doutrinas, da aparente contradição das filosofias, do embate de tantos pensamentos liquidando numa luta de tantas paixões, ele soube tirar a fórmula precisa, a expressão exacta das aspirações da humanidade. Há no mundo meia dúzia de verdades primaciais. A última, e a mais perfeita, definiu-a ele.

É o termo lógico duma sucessão de descobertas tangíveis e de ideais entrevistas? Sem dúvida. Temos, porém, a reedição do ovo de Colombo. O que esse descobridor dum mundo demonstrou, demonstrou-o, em mais alta esfera, mas com igual simplicidade, este descobridor do Futuro. Quando fixou a fórmula magnífica «a cada um segundo as suas necessidades», Kropótkine apresentou a chave dos destinos sociais, destruiu uma Babel de iniquidades e deu-nos a segurança dum mundo melhor, embora distante. Porque a dificuldade não está em vencer uma batalha, embora tão formidável que torne sua arena o mundo inteiro. A dificuldade está em encontrar uma solução justa e simples a um problema complicado e terrível.

O século XIX foi o século do Problema Social, como o século XVIII fora o século do Problema Político. Assim como o século XVIII não liquidou o seu problema, assim também o século XIX não liquidou o seu. Mas ambos o resolveram, apresentando-lhe a solução. O trabalho da Humanidade é agora relativamente fácil. Trata-se apenas, para o braço invencível dos povos, duma demolição apontada.

Assim como a evolução da Idéia, no domínio político, se coroou com as concretizações da Enciclopédia,

assim a evolução da Idéia, no domínio econômico, se coroou com os livros de Kropótkine. Ele teve os seus precursores, como os enciclopedistas os tiveram. O século transactivo alvoreceu com as indistintas aspirações de Babeuf; segue-se-lhe a pleiade dos utopistas, puros filósofos, como Fourier; revolucionários, como Blanqui; doutrinários, como Lassalle, até que Proudhon formula resolutamente a negação do Estado no futuro. Com Karl Marx irrompeu o socialismo científico. A sua fórmula: «a cada um segundo o seu trabalho», é um grande passo dado no domínio da justiça social. Mas não é inteiramente justa, e a sua falha permite precisamente a Kropótkine a fixação de uma verdade perfeita. Kropótkine reconhece que antes do fenómeno da produção se manifestou o da necessidade, que a terra produz tudo quanto é necessário à satisfação integral de todo o gênero humano, e assim demonstra o erro do princípio colectivista, que, embora abolindo o privilégio das castas, o predomínio das classes, todavia protege exclusivamente os aptos e os fortes. «A cada um segundo as suas necessidades!» É o reconhecimento pleno do direito à vida; é a deposição de todas as distinções perante esse princípio de absoluto amor e imortal justiça, é o segredo de uma humanidade feliz, em que todos os atritos devem desaparecer na extinção de todas as misérias, na harmonia entrevista de uma serenidade perfeita, que é a única ordem e a suprema paz...

MAYER GARÇÃO

Lisboa, 27-12-1912.

NOTA — «Ação Direta» publicou a biografia de Kropótkine em seu número de 6-11-1948.

## Rebeldião

Com gemidos agoureiros,  
Num pavoroso lamento,  
Lá fora perpassa o vento  
Chicoteando os pinheiros.  
E a noite, caliginosa,  
De uma tristeza superna,  
É como a boca monstruosa  
De uma monstruosa caverna.

Chove. O arvoredor farfalha.  
Soturno o trovão rimbomba  
Como longínqua metralha.  
Depois o silêncio tomba.  
Pavido e tremulo, escuto,  
Mergulho a vista lá fora  
E vejo a terra de luto.  
E oiço uma voz que apavora.

Como um vago murmúrio,  
Mansa a princípio, ela ecoa  
Depois é um grito bravo  
Que pela noite reboia,  
Que para a noite se eleva  
Num pavoroso transporte,  
Como um soluço de treva,  
Como um frêmito de morte.

Essa voz cheia de ameaças,  
De imprecações e rugidos,  
É o clamor das populações,  
É a voz dos desprotegidos.  
Medonha, relutante e rouca,  
Vem d'esse mundo sombrio  
Dos que tiritam de frio  
E não têm pão para a boca.

Vem das lóbregas choupanas  
Onde em tarimbas sem nome  
Há criaturas humanas  
Agonizando com fome,  
Vem da cloaca deleteria.

Em que a «Justiça» comprime  
Esses que a mão da miséria  
Pôs no caminho do crime

Do quartel — açougue enorme  
Onde à espera da batalha,  
Morta de fadiga dorme  
A carne para metralha.  
Dos hospitais, dos hospícios,  
Das tascas onde ressona  
A grei de todos os vícios  
Que a miséria proporciona.

Ah! nesse grito funesto,  
Nesse rugido, palpita  
Um rancoroso protesto.  
É o povo, a plebe maldita  
Que sombria, ameaçadora,  
Nas vascas do sofrimento,  
Mistura aos uivos do vento  
A grande voz vingadora.

Tremei, vampiros nojentos  
Tremei, nos vossos dourados  
Palacetes opulentos!  
O sangue dos desgraçados  
Sugai, bebei gota-a-gota.  
Não tarda que chegue o instante  
Em que a turba se levante,  
Sedenta, faminta e róta.

E quando comece a luta,  
Quando explodir a tormenta,  
A sociedade corrupta  
Execrável e violenta,  
Iníqua, vil, criminosa,  
Há de cair aos pedaços,  
Há de voar em estilhaços  
Numa ruína espantosa.

RICARDO GONÇALVES

## UM MUNDO MELHOR

Todos nós concordamos em que as conclusões atuais de vida dentro da sociedade, não são satisfatórias. Todos nós ansiamos por um melhor entendimento nas relações humanas. Todos nós nos queixamos de que há uma crise de caráter, de que a desonestidade, a imoralidade e a exploração, tomam vulto assustador, vão num crescendo tal que torna apressivas mesmo as pessoas menos impressionáveis.

Há alguns dias rodava pelas ruas da cidade um automóvel, dirigido por seu proprietário. Junto dele, no assento dianteiro, ia um seu amigo e no banco de trás mais dois conhecidos. O motorista debaterava contra a falta de caráter de alguns homens públicos, citando especialmente um caso de tentativa de suborno que, pelo inusitado das circunstâncias, tivera larga repercussão e durante vários dias andara em tipos garrafas, em manchetes, nas primeiras páginas dos jornais sensacionalistas.

O amigo que se sentava ao lado do motorista-amador ouvia calado as opiniões, todas unânimes em acusar o subornador e em desejar que fosse rigorosamente castigado.

Quando a conversa estava mais animada, porém, aquele que até então se conservara em silêncio, perguntou ao que dirigia o carro:

— Diga-me uma coisa: Você jamais deu a um guarda do trânsito cinquenta ou mesmo vinte cruzeiros, para que ele relevasse a multa?

— É claro que sim, replicou o amigo. Qual é a pessoa que dirige automóvel e que não faz isso?

— E vocês, acrescentou o perguntador — dirigindo-se aos dois que se encontravam no banco de trás, comerciantes estabelecidos — jamais deram dinheiro a um fiscal, do consumo, ou da prefeitura, para o mesmo fim?

— Mas é lógico — responderam estes — temos que fazê-lo, pois as leis são muito complicadas e é fácil incorrer na multa.

— Então, concluiu aquele que até então se mantivera calado — vocês não têm autoridade moral para censurar quem suborna, são cúmplices do mesmo crime.

E assim é a grande maioria dos homens. Querem, como disse o Mestre, «tirar o argueiro do olho do próximo e não vêem a trave no seu».

Se queremos um mundo melhor, se queremos que haja mais honestidade, mais justiça, mais caráter, temos que principiar a reforma do mundo por nós mesmos. Temos que proceder com absoluta correção, com absoluta pureza, com absoluta veracidade em todos os atos de nossa vida, em todas as ocasiões, em todas as circunstâncias.

Não devemos esperar que os outros se reformem, que os outros procedam corretamente. Temos que começar por nós mesmos a reforma, hoje, procedendo com absoluta honestidade no ambiente em que vivemos agora: em casa, para com a família; na escola, para com os colegas e professores; na sociedade, para com o próximo.

Que autoridade moral tem de gritar contra o comerciante desonesto que furta no peso aquele que retém para si uma diferença a mais recebida por engano no troco, seja ela de 100 cruzeiros ou de 50 centavos?

Que autoridade moral tem, de se queixar de qualquer desonestidade ou injustiça que sofre na sociedade — o estudante desonesto que responde à chamada por um colega faltoso ou que cola no exame?

Que direito tem de reagir contra o indivíduo que lhe desrespeita a irmã ou a esposa o rapaz que diz «gracinhos» às irmãs ou esposas alheias que encontra na rua?

A verdade, dura, mas verdadeira, permitam-nos o pleonismo, é essa: não conseguimos um mundo melhor porque esperamos sempre que os outros façam alguma coisa para que ele melhore. Mantemos para os outros um padrão de moral superior àquele que traçamos para nós.

D. C.

### AFINAL, LÓGICOS...

Dizem os telegramas que a URSS está em negociações com o Vaticano objetivando firmar acordo com a Igreja.

Assim, o país que se diz socialista vai ter um representante bolchevista na sede do Papado e entre os hóspedes do Kremlin passará a conviver um delegado do clericalismo!... Mas que sujeira!

# Publicação da "Acção Direta"

GRUPO EDITOR — Procurando generalizar, tanto quanto possível, a execução das tarefas do movimento libertário, adotamos o critério do revezamento dos elementos em todas as funções, inclusive na "Acção Direta". Assim, todos terão oportunidade de se porem em contacto directo com nossas atividades, adquirindo, ou reforçando, dessa forma, a prática inerente a cada um de seus setores.

Em obediência a essa orientação, patenteou-se a conveniência de modificações no grupo editor do jornal, tanto na parte redatorial como administrativa.

Sem solução de continuidade no propósito de cooperação na obra da "Acção Direta", foram feitas substituições e admissão de elementos nos trabalhos da redação, confiando-se a um companheiro com prática nesse mister as incumbências internas da administração, passando o companheiro Ideal Peres a ocupar o cargo de administrador nas tarefas externas do jornal.

Qualquer opinião a respeito será bem acolhida.

**DIFUSÃO** — É preciso dar maior difusão ao jornal, fazendo-o chegar a todos os ambientes onde se encontram pessoas interessadas pelo problema social. Para isso, contamos com a cooperação de todos aqueles que julguem útil a obra que justifica a publicação de «Acção Direta».

Pedimos, pois, que nos enviem, com urgência, nomes (com os endereços) de pessoas que se preocupem com o estudo de assuntos relacionados com a questão social.

Outros meios de aumentar a circulação do jornal:

Conseguir assinantes, indicarem nos bancos de jornais que se dispõem a vender «Acção Direta»; comprar pacotes, para serem distribuídos gratuitamente ou a cotizadores, ou ainda para serem expedidos pelos pacoteiros a pessoas de seu conhecimento.

Urge que todos que julgam necessária a existência de «Acção Direta» façam tudo que possam para sua difusão.

**CONTRIBUIÇÕES** — A partir do próximo número, voltaremos a publicar a relação de todas as contribuições recebidas para a publicação do jornal, usando as iniciais, ou os nomes dos contribuintes, de acordo com o que pelos mesmos nos for determinado.

**CORRESPONDÊNCIA** — Toda a correspondência destinada ao jornal deve ser endereçada exclusivamente em nome de Sônia Oiticica, para o endereço indicado no cabeçalho da primeira página. Estamos tratando de conseguir uma caixa postal.

**DIA DO APARECIMENTO** — De agora em diante, «Acção Direta» aparecerá no dia 15 de cada mês, sendo na véspera expedida a todos os assinantes e pacoteiros e exposta à venda nas bancas de jornais. Este número corresponde a Janeiro e Fevereiro. O de Janeiro foi prejudicado pela mudança de tipografia.

## Missão Histórica do Sindicato

Os sindicatos, tal como estão hoje, aqui no Brasil e em boa parte do mundo, desencantam e amortecem as mais vivas paixões que possam povoar os anseios proletários. São peças justapostas de uma máquina montada pelos governantes, com a finalidade única de manobrar os trabalhadores, reduzindo-os a conglomerados numéricos, sem vontade própria e sem expressão ideológica. São órgãos desvitalizados, anêmicos de pensamentos, paupérrimos de pretensões, sujeitos permanentemente à intervenção ministerial, como foi no recente caso dos marítimos.

Particularmente no Brasil, os sindicatos vivem ainda sob a vontade histriônica do vandílico Mussolini, que apesar de justificado e morto, vive ainda por entre as amarfanhadas fôlhas da «nossa» mastodôntica Legislação Trabalhista, que, como todos sabem, não passa de copia fiel da célebre «Carta del Lavoro» dos fascistas.

É aqui repete-se a clássica e proverbial frase: «OS MORTOS GOVERNAM OS VIVOS».

Faz mais de vinte anos que os trabalhadores vivem enleados nesse «mi-lagroso» papelório, e a situação dos mesmos é sempre tensa e alarmante, com tendência certa de agravar-se assustadoramente. O círculo vicioso dos aumentos sinerônicos, nos salários, nos viveres, nas vivendas, nos remédios, nos transportes etc., revela, insofismavelmente, que é preciso atentar para soluções mais largas, mais profundas e abrangentes. Soluções que possibilitem, particularmente aos trabalhadores, um sistema de vida condizente com os imperativos biológicos dos seres humanos.

Ninguém ignora que noventa e cinco por cento dos operários, vivem gradados às farmácias e hospitais, como consequência brutal do trabalho exaustivo e da alimentação deficiente. O aspecto físico do trabalhador é característico e inconfundível. A sua figura humana conhece-se ao longe: é desfigurada, macilenta, encarquilhada. O dispêndio exagerado de suas energias, continuamente incomensuradas pela indigência alimentar e pela falta de repouso confortável e restaurador, dá-lhe esse aspecto doloroso de homem cansado e amarfanhado. Ninguém mais quer ser operário, porque ser operário é degradante. Todos procuram fugir a essa condição social, porque é a pior condição econômica, a que menos possibilita cultura, instrução, bem-estar. É a categoria de pessoas que mais trabalha e que menos ganha, sempre ameaçada de ganhar cada vez menos e produzir cada vez mais. É toda a culpa do encarceramento da subsistência é atirada por cima dos salários dos trabalhadores, justamente sobre aqueles que são, de fato, os fatores diretos e únicos de toda a riqueza social, de todo o patrimônio econômico das nações e do mundo.

O pior mal que os sindicatos amarelos ou m inisterialistas trouxeram, foi, sem dúvida, o aparecimento de uma categoria de homens que se intitulam de líderes e que são conhecidos vulgarmente pelo expressivo nome de pelegos. Esses pelegos constituem uma fauna parasitária que surgiu como geração espontânea e vive encrustada aos cofres sindicais. São eles mandatários absolutos de sindicatos e federações, de confederações e autarquias de previdência social; colaboradores incondicionais dos governantes e que se movem ao sabor de políticos oportunistas e influentes.

Os pelegos destacam-se ostensivamente pelo notório repúdio ao trabalho, tudo fazendo para não mais voltar às fábricas ou oficinas de onde saíram. Daí a sua mansuetude com os poderes constituídos e com o patronato. Essa nova categoria de parasitas, forma uma forte barreira aos avanços sociais do operariado e representa um entrave perigoso para a evolução cultural e revolucionária dos sindicatos operários.

Apesar disso, o ciclo de hibernação dos trabalhadores está para terminar, o colosso proletário começa a sacudir a cabeça e a dispersar o torpor e a sonolência que lhe foi inoculada pela voracidade política do bolchevismo, do fascismo, do conservadorismo ministerialista e, em grande parte, do clero. É um despertar lento e vagaroso, porém, marcante e decisivo.

A reforma social do conglomerado humano deve acontecer, devemos realizá-la; e quanto antes melhor, se queremos evitar a hecatombe coletiva de uma nova guerra, que também se aproxima, apavorante e vertiginosamente. Os sindicatos operários, têm, nessa reforma social, a sua missão histórica muito bem delineada. Já não podem ser mais instrumentos flexíveis, sem equilíbrio próprio, sem uma força intrínseca, sem um destino cer-

## Pelo Mundo Libertário

### CONGRESSO ANARQUISTA INTERNACIONAL

Está marcado, para maio, em Paris, o Congresso que reunirá representantes do movimento libertário de todo o mundo

A Comissão de Relações Internacionais Anarquistas (CRIA), com sede em Paris, em comunicação que acabamos de receber, informa ter sido marcada para a segunda quinzena do próximo mês de maio, a realização, na capital da França, do Congresso do Movimento Libertário Internacional, que, já há algum tempo, vinha sendo preparado, com os estudos dos problemas que deverão ser examinados nesse importante certame.

Como preparação desse Congresso, as organizações anarquistas espalhadas pelo mundo promoveram reuniões e conferências com o fim de ser examinado o anteprojeto do programa organizado pela CRIA, de acordo com os alvites fornecidos por elementos de toda parte.

A imprensa anarquista também vem tratando de tudo quanto se refere ao Congresso, divulgando o seu programa e trabalhos relativos às teses a serem discutidas.

Em outro número, informaremos mais detalhadamente os leitores de "Acção Direta" sobre esse importante encontro do anarquismo mundial.

### ASPECTOS DO MOVIMENTO ANARQUISTA ESPANHOL

O movimento anarquista e a corrente sindicalista libertária desenvolveram-se em solo espanhol quase ao mesmo tempo que nos demais países da Europa. De todos os pensadores e grandes pioneiros do Anarquismo, o que mais vestígios deixou na Espanha foi Bakunine.

Desde seu início, os anarquistas tiveram de lutar contra a reação dos nobres e do clero, os quais, vendo o incremento das correntes libertárias em toda Europa, tomados de verdadeiro pânico, trataram por todos os meios de impedir o desenvolvimento das idéias ácratas na região ibérica.

O intento foi inútil, pois as correntes libertárias encontraram ambiente propício, com o terreno preparado pelos próprios governos espanhóis, com seus despotismos, perseguições e tirania. Este povo, que já estava cansado de sofrer, viu no anarquismo o compêndio de todas as suas aspirações. A ansia de liberdade e de igualdade lançou o povo à luta, com entusiasmo e ardor. A propagação das novas idéias começou com periódicos que surgiam na clandestinidade e mais tarde através de comícios.

A sonda de crimes horrorosos cometidos contra os anarquistas, durante mais de meio século, veio culminar nos trágicos acontecimentos que enlutaram toda a Espanha na guerra que lhe impôs o clero, o fascismo e o nazismo.

O advento da República encontrou as correntes libertárias congregadas em duas fortes organizações: a Federação Anarquista Ibérica e a Confederação Nacional do Trabalho. O povo, logo desenganado dos novos governantes, que adotaram as antigas práticas de perseguições e de crimes dos monárquicos, engrossava cada dia mais as fileiras das duas organizações libertárias. Ante o negativismo de republicanos e socialistas, os trabalhadores ensaiaram a criação de grande número de comunas rurais, procurando viver de acordo com as idéias que pregavam. Os janizáros da República dissolviam essas comunas a bala, registrando-se atrocidades como a de Casas Viejas. E de novo caía tudo na clandestinidade. Mas a FAI e a CNT continuavam de pé e de pé as encontraram as forças da reação internacional quando, dirigidas por Mola e Franco, invadiram a Espanha.

Tratando-se de uma guerra entre potências, pela ansia de domínio e de mando, as correntes libertárias teriam ficado à margem. Mas tal não suce-

to. Eles são, certamente, os baluartes de defesa e de conquistas contra o capitalismo ladravaz, mas, e acima de tudo, os sindicatos operários são a força humana máxima que deve operar, preponderantemente, na transformação social. Representam o aparelhamento simétricamente certo, que deve substituir definitivamente o velho e carcomida arcabouço do Estado, juntamente com os órgãos que lhe são inerentes.

São eles, unicamente eles, que devem organizar a produção, o consumo e a distribuição. A missão histórica dos sindicatos proletários é a de moralizar o gênero humano, fazendo-lhe compreender que o trabalho é a fonte da vida, e que a vida pertence ao trabalho. Ao trabalho útil, ao trabalho produtivo, ao trabalho secundário, unindo as mãos calosas aos sábios homens humanitários, aos artistas, aos cientistas, realizando, assim, o maior acontecimento histórico de todos os tempos.

PEDRO CATALLO.

dia: era uma alcatéia de lobos, um rebulhão de clericais, de fascistas, salazaristas e nazistas, comandados por traidores, que se lançavam sobre uma presa indefesa que era o povo espanhol. Os libertários pegaram em armas e amargaram e retardaram durante quase quatro anos a vitória dos reacionários. Não fôsse a intervenção aberta de todos os ditadores do momento e a covardia e canalhice de todas as democracias, os libertários espanhóis teriam expulso os invasores, implantando talvez o mais avançado dos sistemas sociais, justamente o que mais temiam os ditadores, os democratas burgueses de todos os matizes e os próprios bolchevistas.

É interessante notar que o operariado espanhol, mesmo no auge da guerra, manifestou sempre seu espírito criador. Surgiu comunas por todos os lados, trabalhavam a terra com afinco, organizavam a distribuição e os transportes, tudo sem intervenção estatal. E não esqueciam a propaganda de suas idéias.

A retirada para o exílio foi-lhes dolorosa em extremo. Espalharam-se por todos os cantos do mundo, como puderam e onde lhes foi permitido. E seu espírito organizador manifestou-se em todos os lados. Sua imprensa libertária ressurge na França, no México, dentro da própria Espanha, perturbando o sono do traidor que a governa. Ali, a obra anarquista segue seu caminho, infiltra-se em todas as camadas sociais. Franco e seus esbirros não conseguiram estrangular a ansia de liberdade do povo espanhol, ansia que continua sendo alimentada pelos homens da FAI e da CNT.

A onda de revolta avoluma-se cada vez mais contra o ditador e contra o clero. Registram-se atos de rebeldia entre intelectuais, estudantes e operários. Há greves. São os primeiros sintomas da derrocada dos ditadores. Na Península Ibérica brilhará de novo o Sol, a luz da liberdade que todos desejamos.

F. ORTEGA

## EFEMÉRIDES LIBERTARIAS

### MES DE FEVEREIRO

- 1478 — 7 — Nasce Tomas More, autor de «Utopia».
- 1921 — 8 — Morre Pedro Kropótkin, em Dmitrof (Ver artigo na 2.ª página).
- 1600 — 16 — Morre Giordano Bruno, na fogueira, por haver assegurado que a terra se movia. Deu a ordem que o queimassem, na Inquisição, o Papa Clemente VIII, o qual presenciou o auto de fé, acompanhado de bispos, arcebispos e cardeais.
- 1649 — 20 — Nasce Voltaire.
- 1919 — 21 — É assassinado em Munique o socialista Kurt Eisner.
- 1771 — Nasce Roberto Owen, um dos precursores do socialismo contemporâneo.
- 1812 — 22 — Extinção da Inquisição na Espanha, que tantas vítimas causou.
- 1848 — 24 — Deposição de Luís Felipe, em Paris, e proclamação da 2.ª República francesa.
- 1802 — 26 — Nasce Vitor Hugo, autor do inolvidável livro «Os Miseráveis».
- 1920 — 27 — Aparece em Milão o primeiro número do diário anarquista «Umanità Nuova», dirigido por Malatesta.

## MILITANTES QUE DESAPARECEM

### ANTÓNIO ROSAL

Faleceu António Rosal, nosso camarada de muitos anos, no dia 4 de janeiro último, vítima de mal insidioso que o vinha aniquilando desde há algum tempo.

Nascido na Espanha em 1904, veio para o Brasil nos primeiros anos de



sua existência. Muito jovem ainda, pôs-se a trabalhar como aprendiz de sapateiro, ofício que abraçou tornando-se profissional. Nessa qualidade, militou na Federação Operária, em 1918, através do seu sindicato de classe.

Frequenteador assíduo das sessões que aquela entidade patrocinava, veio a se tornar um militante ativo nas lides operárias. Aí começou a se interessar pela questão social e, autodidata que era, tornou-se estudioso dessa matéria.

A doutrina anarquista lhe serviu de guia, norteando-lhe os passos através dos anos, até que a morte o roubou do nosso convívio.

Ainda nos últimos dias de vida, temendo que algum mau acontecimento pudesse tratá-lo, solicitou de seus familiares e de alguns camaradas mais chegados a ele que não permitissem, em hipótese alguma, em torno de sua morte, qualquer manifestação religiosa ou de natureza que pudesse ferir seus princípios.

Perde, assim, a família anarquista mais um dos seus bons militantes.

### CIRIACO MORALES

Outra lamentável nota a registrar. De Montevideo chegou-nos a notícia da morte, em 1.º de novembro p. p., do camarada Ciriaco Morales, aos 64 anos de idade. Velho batalhador nas fileiras anarquistas do país vizinho,

prestou sempre sua colaboração às iniciativas de caráter associativo e libertário. Foi o principal organizador do Grupo Filodramático Emílio Zola, onde desenvolveu seus pendores artísticos.

Por ocasião da Conferência Anarquista Americana realizada em Montevideo, em abril de 1957, um dos nossos delegados, na sua volta, referiu-se elogiosamente a Ciriaco Morales, pela impressão indelével que dele trouxera. Era um entusiasta e, sobretudo, muito prestativo. Quando nosso delegado expôs um plano para a organização de comunas libertárias em torno das quais deveriam gravitar nossas federações e disse que aqui no Brasil já se cogitava de tornar realidade esse plano, Morales entusiasmou-se tanto com a idéia que se declarou disposto a vir colaborar nessa obra assim que a mesma fôsse iniciada. Deu-lhe um cartão com nome e endereço, dizendo: «Não se esqueçam de mim».

Ciriaco Morales nasceu na cidade de Florida, República Oriental do Uruguai, em 18 de junho de 1893, passando a viver em Montevideo desde 1905.

### JOSÉ OITICICA

A morte deste saudoso companheiro tem repercutido no ambiente libertário de todo o mundo. Os jornais e revistas anarquistas chegaram ultimamente trazem seu retrato ilustrando interessantes trabalhos sobre a personalidade do valoroso lutador libertário brasileiro, de renome internacional.

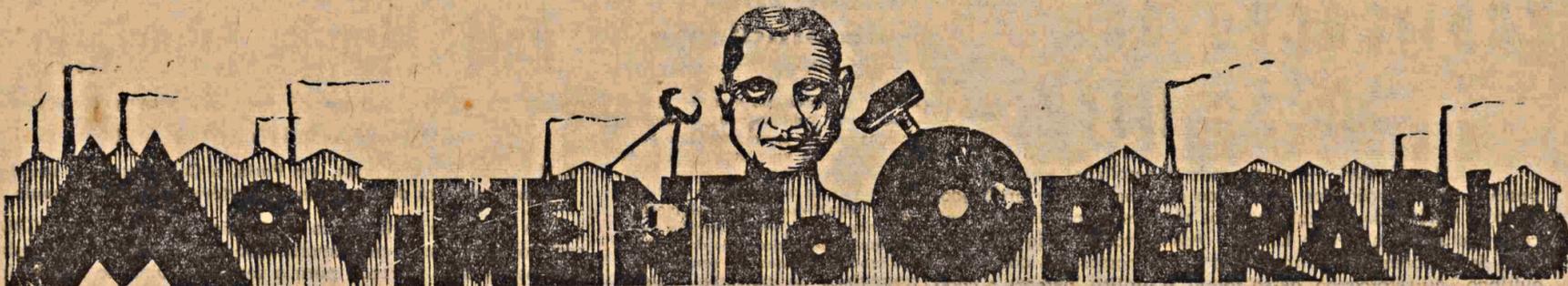
### FLOREAL DA COSTA PIMENTA

Este é o nome de um jovem jornalista e acadêmico, militante das atividades de sua classe, há pouco desaparecido de maneira lamentável.

Em visita à cidade de Santos, teve um desentendimento com o motorista do carro que o devia conduzir de regresso a S. Paulo e que, num impulso de inconsciência criminosa, o matou com um tiro pelas costas.

Estava no albor da mocidade, próximo a concluir o curso de direito. Era casado e deixa uma filhinha.

Um abraço de solidariedade a João da Costa Pimenta, antigo militante do meio social, pai do indítilo jornalista.



## A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores - pela ação direta

### O HOMEM DO ANO

Um acontecimento digno de registro foi o banquete em homenagem ao Homem do Ano, um prêmio dado, não se sabe por quem, ao presidente do Pacto de Unidade Intersindical.

Ministros e altas personalidades compareceram ao ágape, onde foram tecidas louvainhas ao homenageado e onde todos comeram e beberam à farta. O discurso do representante dos representantes dos trabalhadores que o homenageado representa, foi altamente revolucionário e construtivo, embasbacando todos os revolucionários minhocas que ainda são conseqüentes com alguns princípios bestas, ultrapassados há muito pelas modernas táticas gastronômicas...

Os trabalhadores estão de parabéns, pois as homenagens dos ministros e do vice, ao seu líder máximo, compensam bem os 7% podados por aqueles marotos do Superior. E o homenageado deve sentir-se orgulhoso do seu progresso evolutivo se se lembrar de que, ainda há poucos meses, anunciava no quadro negro do Pacto, em sátira a seus colegas, que não havia reunião porque havia jantar no Palácio...

As más línguas dizem que os líderes sindicais andavam amuados com os ministros devido às últimas safaresz havidas entre uns e outros, das quais saiu maltratado o prestígio dos primeiros. Mas as eleições vêm aí e a situação não podia ficar assim. Todos precisam uns dos outros e as pazes foram feitas. As Excelências vieram pôr esparadrapos no moral dos combalidos porque só os fortes podem ajudar...

A paz reina de novo e os trabalhadores não devem dar ouvidos a insinuações malévolas. Seus chefes estão aí, atentos aos acontecimentos e a outras coisas, com o prestígio reposto e as mesmas caras de sempre, perfeitamente desagradados, amassando agora o bólo nacionalista...

Mas dá pena, muita pena mesmo, que o nome dos sindicatos ande misturado em tudo isto.

Até quando, trabalhadores?

### ATIVIDADES CULTURAIS

Está fazendo grande falta no Rio de Janeiro um centro de debates com tribuna livre a todas as tendências do pensamento humano.

Em São Paulo já há muitos anos existe um centro de cultura onde se realizam reuniões, conferências e debates, espetáculos teatrais, etc., e que é uma tribuna livre na mais completa acepção da palavra. É o Centro de Cultura Social que teve as suas atividades interrompidas durante o período ditatorial e que, ressurgido em 1945, tem oferecido sua tribuna a professores, médicos, advogados, trabalhadores dos mais variados setores e das mais variadas tendências para exposição de idéias. Qualquer pessoa pode ocupar sua tribuna desde que não seja para fazer propaganda política, religiosa ou de qualquer outra ordem partidária. Vários cursos têm sido patrocinados, contando-se entre eles *Educação Sexual, Higiene Mental, Doutrinas Políticas*, etc. No setor teatral tem esse centro dado oportunidade a um sem número de amadores, organizando espetáculos em teatros que ficam totalmente tomados pelo público.

Que acham os leitores de «Ação Direta», da fundação de um Centro semelhante no Rio de Janeiro?

O movimento sindicalista deve ter um método próprio de atuação, escudado na livre iniciativa e na solidariedade e baseado na ação direta.

Os poderes públicos cedem apenas as liberdades que são tomadas. A lei é inútil, quando não é nociva; fica letra morta, quando registra uma liberdade, se o povo não a defende e usa.

Repudiamos, portanto, a ação eleitoral e parlamentar, que só serve para reforçar o Estado, dar prestígio às velhas instituições autoritárias e adormecer as energias populares.

O nosso método é a ação direta, que, desde já, ainda na conquista de pequenos melhoramentos atuais, tende a despertar a iniciativa, o espírito de espontaneidade, a decisão, a coragem, ensinando a massa popular a agir por conta própria, a unir-se e a viver sem tutela.

Porque AÇÃO DIRETA, mais que nunca, é o processo exato de atividade proletária. Fora da AÇÃO DIRETA só um método existe: o colaboracionismo, o reformismo, as eleições com vistas ao poder, numa palavra, AÇÃO INDIRETA.

Todos os partidos pseudo-revolucionários, de esquerda, por mais sinceros e competentes os seus chefes, no brejo parlamentar têm-se atolado, succumbido, incapazes de resolver o problema social. E por que? Porque, em vez de dinamitarem a tremenda máquina, o Estado e no campo livre erguer as livres comunas, se fazem maquinistas ou foguistas da mesma máquina. Evidentemente, se a gigaloga foi feita especialmente para forjar LEIS, os novos guieiros dela não podem senão tirar LEIS. Mas, quem diz LEI, diz limitações.

obrigações, cerceamento forçado, homens que as ditam e homens que as cumprem, o burguês, autor, e o povo, obedecedor.

AÇÃO DIRETA é, hoje, após duas guerras desenganadoras, o caminho, indicado desde muito e agora confirmado, de levar os expliados de tudo à reivindicação do que é seu.

AÇÃO DIRETA é o meio certo de vencer, porque é o único meio amedrontador do capitalismo. Nenhum parlamento assusta a alta finança. Parlamento é casa do Estado, salariado seu, a máscara política inventada para fazer crer ao povo ser ele, povo, o soberano e serem púrpuras seus andrajos de escravo.

AÇÃO DIRETA é a voz única na história das reivindicações: a de Espártaco revoltando gladiadores, a dos servos medievais irrompendo contra feudatários bárbaros, a da revolução francesa assaltando bastilhas, destruindo nobrezas, apeando cleros, a de Zumbi lutando com os escravos por sua libertação nos Palmares, a dos abolicionistas brasileiros protegendo escravos concitando os moços à luta contra a escravidão, obrigando o império à lei de 13 de maio.

Só a AÇÃO DIRETA abala tronos, ameaça tearas, revolve mundos. Só ela, principalmente, educa e fortifica o povo espolido na sua luta milenar. AÇÃO DIRETA é a revolução. Onde ela atua, o espírito novo, o espírito inquieto do presente, o espírito construtor do futuro, porque, feita a transformação social pela AÇÃO DIRETA, ela irá criar o novo mundo, a nova humanidade, e será, livre das peias estatais e religiosas, sempre ação, sempre energia, sempre ideal.

### ECOS DA ÚLTIMA GREVE

## ESCURECE A ESTRÊLA DOS LÍDERES

Os líderes (?) do nosso sindicalismo estão vivendo dias aziagos. Introduzindo no campo sindical o espírito de obediência, acostumando os trabalhadores a secundar apenas os aplausos de uma minoria que se manifesta sempre na hora oportuna... e a «ficarem como estão» na hora de aprovar, conseguiram um domínio quase absoluto nos órgãos associativos. Atribuíram a si mesmos a qualidade de chefes e de orientadores da massa de associados e, nessa qualidade, vêm de há muito fazendo o jogo próprio e alheio.

Há líderes vermelhos, líderes rabanetes e líderes de causas próprias — os apelidados de pelegos — que só se interessam no manejo dos haveres sindicais. Por vezes, os vermelhos viram pelegos e os pelegos se travestem de vermelhos, confundindo-se. De todos, os que mantêm uma posição isenta de perigos e bem definida são os rabanetes, que aplaudem tudo e todos, que são bons patriotas, ministralistas, revolucionários, pacifistas, colaboracionistas, apolíticos e antipolíticos... (só vendem o prestígio de seus votos a quem mais der, chegando a vender essa mercadoria a mais de um partido ao mesmo tempo, com bela safra em tempo de eleições). Os vermelhos servem-se deles e os mantêm em seus postos através da máquina eleitoral do partido, as células espalhadas pelas grandes oficinas. Todos estes líderes se elogiam e se toleram mutuamente em nome da santa unidade dos trabalhadores. E, todos juntos, bajulam a massa dos associados, pendurando as boas qualidades de todos nos cornos da lua.

Em realidade, quem empunha a batuta dessa orquestra dodecafônica são os maiores da clandestinidade bolchevista, interessados apenas em dois objetivos imediatos e uma mentira verdadeira: manter o ódio aos imperialistas — só os do norte, entendase — e convencer os trabalhadores de que só eles, os «comunistas», são os herdeiros históricos do Socialismo e que só eles (aqui a grande patrão) são capazes de dar a felicidade aos povos do mundo através de uma férrea ditadura exercida pelos seus grandes chefes... em nome do proletariado.

Dissemos que vinham fazendo o jogo próprio porque alguns desses líderes vivem ansiosos e obcecados, com as vistas voltadas para polpudos cargos na administração estatal — justo prêmio a seus esforços pela paz social — cargos que colimariam sua carreira, ponto final de seu idealismo. E dissemos alheios porque, na imensa burrice de sua presunção, servem aos interesses dos grandes ratos da política nacional e aos do quintacolumnismo internacional.

As conseqüências de todas essas andanças têm sido negativas para o sindicalismo. Mas há também a parte positiva: o prestígio de todos esses líderes foi grandemente abalado e marcha agora, apesar das confortadas injeções da imprensa «trabalhista» e dos esforços ministeriais, para o monturo das coisas inúteis e fedorentas. Cabe aos trabalhadores a última palavra: ou aprenderem a dirigir-se por si mesmos, como adultos escarmentados, ou irromperem na marcha fúnebre.

A última greve, deixando de lado a farandulagem política e apesar dela, foi um forte movimento de protesto contra a carestia e reivindicação de melhores condições de vida. Sob a pressão do movimento, a justiça do trabalho, oportunista como qualquer outra, concedeu 25%. Passada a refrega, acalmados os ânimos, projetados os elementos que o desejavam, desagradada aquela rasteira que o ministro passou em agosto de 56 aos líderes que queriam empregos mais rendosos, realizadas as visitas aos ministérios do trabalho e da guerra (!?) e à presidência, apresentadas as desculpas e os reproches à rebeldia dos cabeças, a justiça do trabalho, ante as novas condições criadas pelos mútuos rapapés e salameleques, fez um corte de 7% na vitórias dos líderes... Dos líderes que entre ameaças e compungimentos, afirmavam dias antes, em memorial dirigido à Federação das Indústrias, que só desejavam o progresso dos industriais patriotas para que pudessem competir com os do norte, únicos fazedores de sombra a todos os outros papões da indústria, pobres e ricos, do Oeste e do Leste...

É claro que os ministros e também os juizes, são compreensivos. E

contribuíram também para o progresso dos industriais indígenas, cortando apenas 7% porque se lembraram em tempo que os operários também eram parte no assunto, que sabem fazer greve mesmo sem «grandes líderes», podendo até dar ao traste com todos eles e sanear o ambiente sindical.

A vitória dos trabalhadores, conquistada nas ruas, permanece, entretanto, quase intacta. E que, pagos inicialmente os 25%, os patrões tiveram receio de diminuir os salários. Eles não desconhecem os valores da greve branca, da sabotagem, do amolecimento e da má vontade, valores positivos contra a sua usura. Os trabalhadores estão mantendo, de fato, o que conquistaram, desprezando os votos e pragmáticas de todos os cardins e seus acórdãos. E nas indústrias onde esse aumento não foi dado, a produção está sofrendo de desinteria, não se salvando nem com os conselhos dados às massas pelo novíssimo nacionalismo...

Estamos ante uma vitória parcial dos trabalhadores e ante uma derrota dos tais líderes. Estes, por força da obediência que devem aos deuses das estepes, uns, e por força de seus objetivos pessoais, outros, não modificaram atitudes nem procedimentos, salvo algumas honrosas exceções. Mas os trabalhadores, ao que tudo indica, aproveitaram ao máximo os acontecimentos. As críticas aos diretores são ouvidas em todos os locais de trabalho e até dentro dos próprios sindicatos. Surge a consciência da própria força e a descrença nos pretensos chefes e não é de estranhar que em futuro próximo não haja mais campo para os «representantes exclusivos do proletariado» nem para seus planos de marchas e contramarchas.

O sindicalismo está servindo de vasto campo de manobras da política internacional. Força ponderável e de expressão do sentir proletário, sua direção tem sido cobçada por um dos setores dessa política. O estadonovismo afastou dele os operários mais esclarecidos, dando margem a que uma caterva de vividores se apossassem dos novos órgãos criados. Com a queda do fascismo, os trabalhadores quiseram tomar conta do que só a eles pertencia. Os bolchevistas tiveram en-

tão sua oportunidade, favorecidos ainda pela sombra da ditadura que caía. Pactuaram com os paraquedistas, fingiram getulismo e se enraizaram. Os sindicatos passaram então a patrocinar todas as campanhas que de direito pertenciam ao P. C. B., derivando esporadicamente, para despistar, no apoio a outros partidos. Mas os novos líderes esqueceram-se de que o sindicalismo tem sua finalidade, que tem história, que sofreu os embates de todos os ditadores, que cai para levantar-se sempre de novo.

Não negamos que os bolchevistas, tal como os socialistas, comunistas, trabalhistas e anarquistas, poderiam ser bons militantes no campo sindical. Mas tendo já partido próprio que não lhes permite outras atividades que não visem os interesses do mesmo, vieram ao sindicalismo para transformá-lo em trampolim de suas conveniências e de penetração no que eles chamam de cargos chaves. Em suas mentes obcecadas por um único tipo de literatura, desconhecendo mesmo o que vai pelo país de seus encantos, misturaram interesses sindicais com interesses de partido. Nem sempre, porém, é possível combinar esses interesses, como vamos ver.

O bolchevismo russo, misturando árabes com latinos, determinou a seus asseclas a linha nacionalista. Sem denunciar o coice dado no internacionalismo socialista, penetremos os objetivos da nova campanha: nos países árabes, a retração destes à hegemonia anglo-franco-americana, inclinando-os para a órbita russa; nos países como o nosso, ajuda ao desenvolvimento industrial, para que os nosso magnatas possam fazer concorrência aos norte-americanos. Tudo muito natural, porque cada um se defende como pode. Mas, em que interessa tudo isso ao proletariado? A Síria e o Egito, por exemplo, já estão fora da órbita dos imperialistas ocidentais. E ali, tal como aqui, os pobres felizes continuam a ser os pobres camponeses e os xeques continuam a ser os ricos senhores que os exploram. Nada mudou, ali, para os trabalhadores. Aqui, como em outros países pouco desenvolvidos, pretendem os bolchevistas apressar o desenvolvimento industrial. A custa de quem?

E agora que as coisas não combinam? O progresso industrial, como qualquer outro progresso material na sociedade capitalista, só pode desenvolver-se à custa dos trabalhadores, que vêm suando há séculos para acumular riquezas nas mãos dos que os exploram. Querem agora acelerar esse progresso, significa exigir mais esforços e impor mais miséria aos produtores em geral. Ora o sindicalismo visa justamente diminuir os pesados encargos do trabalho, combinando-os com as possibilidades físicas, e não forçadas, do homem. E visa bons salários, como condição imediata, enquanto não puder abolir de todo em novas formas de convivência social. Para um progresso rápido da indústria, o essencial é o baixo preço da mão de obra. E a nossa já é tão barata que está atraindo para nossos pagos fortes indústrias estrangeiras...

Os nossos líderes vermelhos foram postos em sinuca pela alta direção partidária. Se lhe obedecerem — e tudo indica que sim — não farão mais que sabotar a finalidade do sindicalismo e as aspirações dos trabalhadores.

Mas os pobres enganam-se a si mesmos, sofismando que é necessária a revolução industrial para fazer depois a revolução social (!?).

O grande paizinho, o grande Stalin, disse isso, e ele era infalível. Só falhou numa coisa: morreu...

Já é tempo que os trabalhadores encarem a sua situação com realismo e cuidem eles próprios do que lhes diz respeito.